

Apresentação

A recente tragédia de Congonhas, em São Paulo, que cobrou mais de uma centena de vidas e que muitos denominaram, com boa razão, ‘tragédia anunciada’, não apenas pôs a nu o grave somatório de problemas que vêm tumultuando o espaço aéreo brasileiro (má gestão, expansão célere de empresas, predomínio de interesses privados), como deu fôlego novo a um velho fenômeno, qual seja, o empenho das grandes empresas de comunicação em acossar o governo para controlá-lo, para conter-lhe ímpetos mudancistas. Valem-se para isso de prejulgamentos, manipulações e procedimentos eticamente questionáveis como a invasão de privacidade – os quais, no entanto, raramente causam espécie à classe-média, para quem todos são suspeitos, exceto ela mesma e a imprensa que a espelha.

Neste contexto, adquire sentido especial a leitura do artigo “*Imprensa golpista - reflexões sobre o papel do Jornal do Brasil, O Globo e O Estado de São Paulo no golpe de 64*”, em que Cláudia Jawsnicker põe em xeque o mito auto-congratatório comumente alimentado pela grande imprensa brasileira, que se vê a si mesma – e deseja ser vista – como *locus* privilegiado da defesa da democracia; outra imprensa, a sindical, é analisada no artigo “*Muito aquém de uma mídia radical – Reflexões sobre a limitação das mídias no movimento sindical*”, em que Marcílio Rocha Ramos se vale da crítica ao capitalismo articulada por Deleuze e Guattari para questionar o que considera uma burocratização da imprensa sindical brasileira (o

autor se detém sobretudo no exemplo baiano), que lhe tolhe o potencial transformador; já em “*Estética da propaganda política em Goebbels*”, Luís Mauro Martino debruça-se sobre os diários do ministro da propaganda nazista para descortinar princípios letais para a cultura democrática que formam, em seu entender, a base do *marketing* político moderno.

No Dossiê **Educação e desenvolvimento**, quatro artigos de abordagens bastante diversas entre si apontam para a necessidade de se empreender mudanças de conteúdo no modelo educacional brasileiro, de modo a torná-lo instrumento – central, ressalte-se – de formação de uma sociedade efetivamente plural e solidária.

No ensaio *Em defesa do programa nuclear brasileiro*, Roberto Amaral e Alfredo Tranjan Filho oferecem uma rica contribuição para o debate sobre a matriz energética brasileira, mostrando tratar-se, fundamentalmente, de uma discussão sobre que país queremos, na qual é preciso escolher entre a subordinação e a autonomia, entre o atraso e o desenvolvimento socialmente justo.

Nossas **Notas&Comentários**, precedidas pela “*Declaración política de la V Cumbre de la Alternativa Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América*”, trazem um conjunto de reflexões que sobre as perspectivas que hoje se abrem para a integração latino-americana, com seus avanços e impasses.

Na seção **Literatura**, Paulo Oneto analisa as aproximações – e também as diferenças – entre Jean-Paul Sartre e Gilles Deleuze: dois pensadores franceses, duas gerações e o interesse comum em romper as fronteiras entre literatura e filosofia, aproximando-as da vida, por meio da noção de *engajamento*; por fim, na Sessão de Cinema, Irene Chauvin apresenta Martín Rejtman, cineasta e escritor argentino ainda pouco conhecido no Brasil, e que sabe captar como poucos a banalidade e o vazio da classe-média urbana de seu país.

Pedro Amaral